

O Evangelho Social, uma força determinante entre mulheres da Igreja Metodista Episcopal, Sul, entre 1895 e 1965? [Resenha]

*Helmut Renders**

Resumo

Resenha do livro BLUE, Ellen. *St. Mark's and the Social Gospel: Methodist Woman and Civil Rights in New Orleans, 1895-1995*. Knoxville, TN: University of Tennessee Press, 2011. 303 p. com índice. ISBN 10: 1—57233-821-0; ISBN 13: 978-1-57233-821-0.

Palavras-chave: Evangelho Social; Igreja Metodista Episcopal, Sul; diaconisas; *Nova Orleans*.

The Social Gospel, a determinative force among women of the Methodist Episcopal Church South between 1895 and 1965? [Book Review]

Abstract

Book review of the book: BLUE, Ellen. *St. Mark's and the Social Gospel: Methodist Woman and Civil Rights in New Orleans, 1895-1995*. Knoxville, TN: University of Tennessee Press, 2011. 303 p. com índice. ISBN 10: 1—57233-821-0; ISBN 13: 978-1-57233-821-0.

Keywords: Social Gospel; Methodist Episcopal Church, South; deaconesses; New Orleans.

El Evangelio Social, una fuerza determinante entre mujeres de la Iglesia Metodista Episcopal, Sur, entre 1895 y 1965? [Reseña del libro]

Resumen

Resenha del libro BLUE, Ellen. *St. Mark's and the Social Gospel: Methodist Woman and Civil Rights in New Orleans, 1895-1995*. Knoxville, TN: University of Tennessee Press, 2011. 303 p. com índice. ISBN 10: 1—57233-821-0; ISBN 13: 978-1-57233-821-0.

Palabras clave: Evangelio Social; Iglesia Metodista Episcopal, Sur; diaconizas; Nueva Orleans.

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo.

Introdução

A obra de Ellen Blue é inspiradora em termos metodológicos, exemplar pela sua organização e apresentação feliz de um conteúdo complexo, inovadora em relação ao seu campo de pesquisa e motivadora para quem procura impulsos para o trabalho no nível da Igreja local. *St. Mark's and the Social Gospel* é a história de uma Igreja local e do seu *settlement house* (centro comunitário ou centro social), enraizadas em Nova Orleans, focando os anos de 1895 até 1965, porém, tendo um apêndice sobre a época “pós-Kathrina”.

A obra é organizada em quatro capítulos:

I – Mulheres metodistas fazendo o *settlement work* (trabalho em centros comunitários e sociais): 1895 – I Guerra Mundial (p. 25-106);

II – Trabalho em prol de igualdade de gênero e de raça: 1920ss-1960 (p. 107-158);

III – A crise na Igreja, no Centro (comunitário) e na cidade: 1960-1965 (p. 159-208);

IV – Depois de 1965 e conclusão (p. 209-244);

Apêndice A: Fontes para pesquisas a respeito do trabalho desenvolvido por mulheres na Igreja Metodista Episcopal, Sul (p. 245-253);

Apêndice B: Uma agenda de políticas raciais (p. 254);

Índice remissivo (Nomes e assuntos) (p. 295-303).

Uma hipótese surpreendente: houve ativistas do Evangelho Social na Igreja Metodista Episcopal, Sul

Quem conhece os estudos sobre o Evangelho Social, o entende como um movimento focado na situação urbana do chamado Norte dos EUA, liderado por homens, que se iniciou ao redor de 1880 e entrou em declínio ao redor de 1918. Mais recentemente surgiram questionamentos quanto à perspectiva de gênero do movimento e acusações de que o Evangelho Social teria sido omissos nas questões do racismo estadunidense. A obra de Ellen Blue aponta que três dessas suposições precisam ser revistas. Isso, sem dúvida nenhuma, é um resultado amplo para uma só obra.

A autora mostra, primeiro, que o Evangelho Social não terminou em 1918. Pelo contrário, apresenta o *Settlement House* de St. Marks como representação quase ideal de um trabalho inspirado pelo Evangelho Social com duração até a década de quarenta, com grande impacto nos movimentos da década de sessenta do século 20. Segundo, Blue quebra o mito da limitação geográfica do Evangelho Social às igrejas não sulistas. St. Marks é um trabalho da Igreja Metodista, Sul, em uma cidade, aliás, onde a Igreja Metodista,

depois da Guerra da Secessão, como em muitas outras cidade do Sul, tinha aberto também um trabalho. Nova Orleans é um bom exemplo para o argumento da autora, por, de fato, não ficar de fronteira com os estados do Norte, mas representando o “*deep south*”. Terceiro, a autora questiona a tese de que o Evangelho Social teria sido racista por omissão. No mínimo, fica claro para Nova Orleans que os(as) sulistas de St. Marks fizeram parte na vanguarda da luta contra escolas segregadas quebrando o boicote branco de escolas integradas.

Um método esclarecedor: identificar o Evangelho Social mais com o trabalho prático e de fato desenvolvido

Estes resultados partem de uma pesquisa ampla focada, em primeiro lugar, no trabalho desenvolvido por diaconisas metodistas. A autora combinou entrevistas com representantes da categoria, testemunhos da época e os reflexos do seu trabalho em jornais seculares e eclesiásticos, assim como nos textos oficiais da Igreja Metodista, Sul e Igreja Metodista. A ênfase na práxis de mulheres como critério da análise da presença do Evangelho Social nas igrejas, a autora considera quase completamente ignorada pela pesquisa, tanto secular como eclesiástica. Na pesquisa não eclesiástica, ela critica que “houve uma quase completa negação de centros comunitários (*Settlement houses*) religiosos na história social sulista” (BLUE, 2011, p 69); na pesquisa eclesiástica, há a ênfase nos centros administrados por homens que, segundo o autor, não conseguiram manter o vínculo com a Igreja (BLUE, 2011, p. 67-68).

Uma inovação no campo da pesquisa do Evangelho Social: a duração do movimento e a extensão geográfica precisam ser revistas

A pesquisa comprova que um grupo de mulheres da Igreja Metodista Episcopal, Sul, dedicou a sua vida para a realização de um trabalho social segundo o modelo do Evangelho Social e que isso aconteceu entre 1895 e 1930. Com o *New Deal*, assumiu o Estado, a partir de 1930, áreas clássicas de atuação do Evangelho Social (BLUE, 2011, p. 5), com reflexos ainda na década de sessenta. A autora mostra que esta ênfase era resultado do programa de formação de diaconisas, ou seja, institucionalmente, pelo menos “tolerado”, porém, segundo Blue (2011, p. 114),

[...] os bispos não estavam na frente das diaconisas em relação à teoria econômica. [...] as mulheres precisavam desenvolver serviços sociais e um ensino bíblico capaz de conduzi-las a relacionarem o ensino de Jesus com a ação social. [...] o curso de treinamento publicado de 1922 incluiu diversos capítulos que

trataram das causas econômicas subjacentes aos problemas sociais. Por exemplo, as mulheres tinham que ler Cristianizar a ordem social de Walter Rauschenbusch e depois refletir e escrever elas mesmas sobre a teoria econômica.

Isso tudo, segundo a autora, fez parte de um projeto maior de “Treinamento em um cristianismo radical” (BLUE, 2011, p. 110-116).

Uma contribuição aos estudos de gênero: mulheres sulistas na vanguarda, desde os inícios do Evangelho Social até a época dos movimentos dos direitos cívicos

A ênfase no estudo das práticas da fé fez perceber como mulheres eram importantes na realização de projetos de longo prazo do Evangelho Social. Blue mostra que estes projetos foram não somente executados, mas também planejados por mulheres, inclusive em ambientes não sempre tão favoráveis às suas ênfases. Segundo ela, *settlement houses* eram “instalações que permitiram a mulheres bem formadas viver em bairros de baixa renda, e aprender dos seus vizinhos a respeito das suas necessidades” (BLUE, 2011, p. 1) e superar “a perspectiva anglo-saxão” (BLUE, 2011, p. 47), tantas vezes considerada a única possível. Enquanto o trabalho como diaconisas passo a passo ganhou seu formato único, as mesmas mulheres tinham ainda que lutar pelo direito da sua representação nas estruturas eclesiais. Elas conseguiram isso, somente para serem em geral esquecidas pela pesquisa e pela Igreja. Mulheres da Igreja Metodista Episcopal, Sul, enfrentando hierarquias eclesiais (BLUE, 2011, p. 8; p. 60-65), ambientes hostis à ideia de um papel social mais ativo da mulher, colocando durante décadas em primeiro lugar as necessidades de migrantes, trabalhadores(as) e pobres servindo, “protestantes que não são cristãos, católicos que não são cristãos e pessoas sem nenhuma afiliação a uma igreja” (BLUE, 2011, p. 97).

Quanto à descrição da mulher sulista (e metodista) como “conservadora” (BLUE, 2011, p. 50-55) a autora alega em discussão com Diana Kendall (2002) que cada mulher que optou para ser diaconisa e trabalhar em um *settlement house* não fez isso por falta de opção, mas por escolha de uma proposta diferente das suas origens de classes sociais mais privilegiadas. Esta escolha refletiu também uma percepção social distinta. Elas não reproduziram “a crença de certos reformadores sociais da elite que pobreza seja o resultado de uma falta de caráter” (BLUE, 2011, p. 53), mas “cruzaram fronteiras de classe e sociais”. Não é por acaso que estas mulheres eram também defensoras da participação política feminina plena, tanto na sociedade como na Igreja.

Impulso para a análise do protestantismo histórico brasileiro

Tudo até aqui dito já seria suficientemente interessante. Mas o nosso interesse específico em apresentar este livro que fala de mulheres sulistas e sua apreciação do Evangelho Social são as missões sulistas no Brasil. Nossa hipótese: O que ficou até esta publicação geralmente esquecido na historiografia eclesiástica estadunidense ficou paralelamente ignorado nos estudos sobre o protestantismo no Brasil. Quem lê os respectivos textos encontra afirmações gerais sobre a importância do *Destino manifesto* – que, de fato, não era só um texto sulista – a respeito do impacto deformador da teologia sulista que se autodominava como teologia espiritual, mas nada sobre uma presença mais ampla do Evangelho Social, no mínimo entre mulheres. Que isso nem acontece mesmo quando se resgata de forma ampla a visão ministerial abrangente de mulheres brasileiras da Igreja Metodista Episcopal, Sul (RIBEIRO, 2009) e reflexo desse cenário maior.¹ Porém, nossa recente pesquisa sobre a modificação do 2º Artigo de Religião da Igreja Metodista Episcopal, Sul, em suas traduções para o espanhol e o português, a partir de 1888 (RENDERS, 2013), aproxima-se da tese principal de Blue: o Evangelho Social precisa ser considerado um possível elemento formativo de uma parte da Igreja Metodista Episcopal, Sul, inclusive, no Brasil e, especialmente, entre as associações de mulheres. Supomos também que este resultado não se restringe somente à Igreja Metodista Episcopal, Sul...

Observações adicionais

A autora conta, brevemente, a história das escolas de diaconisas na Igreja Metodista Episcopal (desde 1885) e Igreja Metodista Episcopal, Sul (desde 1902) (BLUE, 2011, p. 7ss). Teria sido interessante mencionar que a concepção de formação de diaconisas já estava em plena execução na Igreja Metodista Episcopal na Alemanha a partir de 1874² (cf. DOUGLAS, 1939, p. 131-153). De fato, inspirou-se Lucy Rider Meyer (1849-1922), a líder do movimento na Igreja Metodista Episcopal, nestes movimentos e nos seus paralelos ingleses (a partir de 1861). Dessa inspiração vieram também os

1 Diríamos, Ribeiro fez um extremamente valioso esforço – muito parecido ao trabalho de Blue – de reunir informações sobre mulheres metodistas brasileiras em sua narrativa *Rastros e rostos*, sem, porém, identificar ou considerar o Evangelho Social como possível referência dessas mulheres.

2 Interessantemente, houve também iniciativas paralelas na Igreja Batista na Alemanha; ambas se inspiraram, parcialmente, na Diakonia de Kaiserswerth (desde 1839). Seu idealizador, o pastor luterano Theodor Fliedner, inspirou-se, por sua vez, em instituições diaconais da Inglaterra e Holanda (DOUGLAS, 1939, p. 133).

“uniformes” das diaconisas e o modelo de convivência de mulheres não casadas (cf. EVANS, 2001, p. 70-74). Nos EUA, aliás, os metodistas de língua alemã tinham iniciativas *paralelas, porém somente depois de 1895* (DOUGLAS, 1939, p. 142).

Na página 85, a autora cita Lucas 4.18-19 como texto-chave da consagração de diaconisas na Igreja Metodista Episcopal, Sul. Esta passagem era também um texto-chave no metodismo primitivo da Inglaterra do século 18, justamente pela sua ideia abrangente do ministério cristão.

Referências

DOUGLAS, Paul F. **Woman in Christian Service: The deaconess Movement.** In: _____. *The story of German Methodism: Biography of an immigrant soul.* New York/Chicago/Cincinnati: Methodist Book Concern, 1939. p. 131-153.

EVANS, Christopher H. (Ed.). **The Social Gospel today.** Louisville/London/Leiden: Westminster John Knox press, 2001.

KENDALL, Diana. **The power of good deeds: privileged woman and social reproduction of the upper class.** Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002.

RENDERS, Helmut. “To reconcile us to his Father”: An unique translation of the 2nd Article of Religion of the Methodist Church in Brazil and three other lusophone countries. **Methodist Review**, New York, v. 5, p. 25-51, jan./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.methodistreview.org/index.php/mr/article/view/73/97>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. **Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas.** São Leopoldo: OIKOS, 2009.